



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o presidente da Argentina, Néstor Kirchner**

**Buenos Aires-Argentina, 27 de abril de 2007**

**Presidente:** Discutimos alguns assuntos considerados estratégicos e importantes para o desenvolvimento das relações entre Argentina e Brasil. Tanto o presidente Kirchner como eu estamos convencidos da importância do reforço da relação bilateral para consolidar cada vez mais o Mercosul. Tanto o presidente Kirchner como eu estamos convencidos de que é preciso reforçar o Mercosul, porque reforçando o Mercosul nós reforçaremos uma relação estratégica com todos os países da América do Sul e da América Latina.

O presidente Kirchner e eu vamos utilizar a reunião que vai existir, em maio, da nossa comissão que discute energia, para aprofundar todas as possibilidades e potencialidades de trabalho conjunto na produção de energia, para que Argentina e Brasil tenham, cada vez mais, independência na questão energética. Também decidimos que vamos trabalhar com muito mais carinho essa história das alianças entre os dois países. Nós já avançamos muito. Hoje temos uma balança comercial da ordem de 20 bilhões de dólares, uma ligeira vantagem comercial na balança para o Brasil, mais uma ligeira vantagem de exportação de produtos manufaturados pela Argentina.

Nós estamos convencidos de que o potencial dos dois países é muito maior e poderemos crescer muito mais. Na medida em que continuem crescendo a economia argentina e a economia brasileira, nós vamos ser exemplos de aliança política para a nossa relação com a União Européia e com a Organização Mundial do Comércio. Eu penso que nós avançamos um pouco. Argentina e Brasil são dois parceiros tão importantes que estamos convencidos de que precisamos conversar com mais intensidade.



**Jornalista:** Sobre as eleições, Presidente, vocês conversaram também sobre a eleição na Argentina?

**Presidente:** Não, porque eu não posso conversar sobre eleições, ou seja, a eleição é um problema da Argentina. Eu já expressei a minha opinião esta semana na imprensa argentina. Mais do que isso, eu não posso falar.

**Jornalista:** (Pergunta Inaudível: Reforço do Mercosul)

**Presidente:** Argentina e Brasil têm consciência de que precisam trabalhar cada vez mais para ajudar os países de economias menores. É da nossa responsabilidade fazer um esforço para resolver os problemas das assimetrias existentes dentro do Mercosul. Mas, ao mesmo tempo, nós temos confiança de que é preciso, também, trazer outros países para o Mercosul. Então, para nós seria importante que Bolívia viesse para o Mercosul, que o Equador viesse para o Mercosul e, quem sabe, todos os países da América do Sul viessem para o Mercosul, porque assim nós teríamos chance de ter um bloco maior e um bloco mais harmônico entre nós.

**Jornalista:** Qual a sua opinião sobre o Banco do Sul?

**Presidente:** A minha visão sobre o Banco do Sul, eu já a tinha expressado em Isla Margarita. Primeiro, eu acredito que todos nós queremos criar instrumentos de financiamento para os países da América do Sul. Agora, quando falamos em criar um banco, nós vamos ter uma reunião no dia 3 de maio em Quito, em que o Ministro da Fazenda do Brasil vai participar junto com o Ministro da Argentina, junto com o Ministro da Venezuela, junto com o Ministro do Equador. Nós estamos convidando todos os ministros para que a gente discuta a



finalidade desse banco. É um banco de financiamento? É um banco para o desenvolvimento da região? Qual será a participação de cada país? De que forma vamos participar?

Para a gente criar um banco, é preciso que a gente tenha sustentabilidade na idéia, é preciso que seja uma instituição financeira de muita credibilidade e, para isso, precisamos resolver toda e qualquer divergência política que exista sobre um banco. Primeiro, não tem ninguém dentro ainda. Segundo, depois dessa reunião do Equador, se o Ministro da Fazenda entender que o banco tem uma finalidade que pode ajudar a América do Sul, para o Brasil não tem nenhum problema participar, porque o Brasil já participa da CAF, o Brasil já tem o BNDES, mas mesmo assim o Brasil entende que pode contribuir com outros instrumentos para que os países da América do Sul tenham mais possibilidades.

**Jornalista:** Presidente, a questão da integração regional passa também pela questão energética. Isso foi discutido hoje com o presidente Kirchner? Como é que o senhor vê essa atuação?

**Presidente:** O que nós mais discutimos foi a questão energética. Nós temos clareza de que é preciso discutir com mais profundidade a situação energética do nosso continente e, sobretudo, a situação energética na relação Brasil e Argentina. Nós ainda não exploramos o potencial que temos para trabalhar, seja do ponto de vista das hidrelétricas, seja do ponto de vista da energia nuclear, seja do ponto de vista do biodiesel, seja do ponto de vista da biomassa ou até da eólica. As termelétricas de carvão, de gás, de óleo diesel, nós precisamos discutir. Por isso, no dia 15 de maio vai haver uma reunião de uma comissão de energia Argentina e Brasil, para que a gente aprofunde o diagnóstico dos problemas que temos, para ver, conjuntamente, o que poderemos fazer para melhorar a situação do Mercosul, da América do Sul e



da Argentina e Brasil.

**Jornalista:** Presidente, no dia 1º de maio o presidente Evo Morales deverá fazer alguns anúncios incluindo a Petrobras. Eu queria saber o que o senhor espera, inclusive se o assunto também foi comentado com o presidente Kirchner?

**Presidente:** Primeiro, eu não sei se vai fazer. Segundo, vamos esperar para ver o que acontece.

**Jornalista:** Presidente, uma questão sobre a maioria penal. O Senado aprovou ontem projeto reduzindo a maioria. O senhor já se posicionou contra. Como é que o senhor, agora, pretende encaminhar esse debate?

**Presidente:** Deixa eu chegar no Brasil para ver o que foi aprovado.

**Jornalista:** Como é que o senhor faz um balanço dessas duas viagens? Foram duas viagens rápidas, mas por dois países importantes para as relações bilaterais.

**Presidente:** Eu acho que foi uma viagem extremamente importante. Nós assinamos nove acordos com o Chile, acho que foi uma viagem bastante proveitosa. E essa viagem para discutir política com o presidente Kirchner é uma coisa que estava na minha agenda há muito tempo. Eu, na verdade, acho que a relação entre Argentina e Brasil vive o seu melhor momento histórico. O que é mais importante é que eu acho que pode ser melhor ainda e o Kirchner também acha que pode ser melhor. Por isso eu acho que Argentina e Brasil precisam conversar muito mais, discutir muito mais, porque nós só temos a ganhar com isso, e nos aproximar ainda mais.



**Jornalista:** (Inaudível: pergunta em espanhol)

**Presidente:** Não, nós não discutimos etanol e Venezuela. Não discutimos, porque o Brasil tem uma política de etanol faz 30 anos e essa política tem crescido. O mundo, para cumprir o protocolo de Quioto, vai ter que despoluir os atuais combustíveis e vai precisar misturar o etanol ou outro tipo de biocombustível. Portanto, é uma questão apenas de tempo e é importante lembrar que a Venezuela é uma compradora do etanol brasileiro. Faz pouco tempo, a Venezuela comprou três navios de etanol brasileiro e quer fazer um contrato de longo prazo. Agora, o que nós queremos não é uma política de etanol apenas para o Brasil, é que na discussão dos biocombustíveis a gente pense como desenvolver os países mais pobres da América Latina e também do continente africano. Possivelmente, seja a agroenergia que possa possibilitar a países que há 300 anos são pobres conquistar um pouco de dignidade econômica.

Muito obrigado.